ECCO SONORO
DA CLAMOROSA VOZ,

QUE DEU A CIDADE DE S. SEBASTIAM DO RIO DE Janeiro, em o dia dezoito do mez de Outubro do anno de 1747. na ſaudoza deſpedida do Irmaõ

Fr. FABIANO
DE CHRISTO,

ENFERMEIRO DO CONVENTO DE S. ANTONIO DA meſma Cidade; de cuja vida adornada de virtudes ſe expoem huma ſummaria noticia

Dedicada

A' muito Santa Provincia Capucha da

IMMACULADA

CONCEIÇAÕ

Do Braſil, por ſeu mais indigno filho

Fr. APOLLINARIO DA CONCEIÇAO

LISBOA.

Na Officina de IGNACIO RODRIGUES.
Anno M. DCC. XLVIII.

Com todas as licenças neceſſarias.

A' MUITO SANTA PROVINCIA
DA
IMMACULADA
CONCEIÇAÕ
De Nossa Senhora do Brasil do Instituto Capucho em a Religiaõ Serafica.

MUITO SANTA PROVINCIA.

SENDO *por muitos titulos obrigaçaõ dos filhos render obsequios aos Pays, naõ posso offerecer mais estimavel prenda, que a memoria de hum, que com sua exemplar vida,*

da, e virtudes mostrou ser verdadeiro filho de taõ Santa Mãy. Santa vos canoniza em todo o tempo a serie continuada de Varoens illustres em santidade, que em vossos Conventos resplandeceraõ; pois no primitivo de N. P. S. Francisco da Villa da Victoria em a Capitanîa do Espirito Santo, o P. Fr. Antonio dos Martyres Prégador, o Irmaõ Fr. Simaõ, leigo; o Irmaõ Fr. Gaspar, Corista; e o Irmaõ Fr. Manoel de S. Luzia; Leigo deixaraõ de suas vidas, e sánto fim plauzivel nome; os tres nos vossos premitivos annos, e o ultimo no de 1722. O P. Fr. Antonio das Chagas morador deste Convento cinco annos, e nelle Guardiaõ; o Irmaõ Fr. Manoel da Natividade, e o Irmaõ Fr. Joaõ de JESUS Religiosos Leigos, e Noviços desta Casa, acabaraõ com louvavel opiniaõ na muy Santa Provincia da Arrabida (donde o primeiro era filho) este, no anno de 1648; o segundo no 1723 e o terceiro aos 16 Novembro de 1744, retribuindo vós tres servos de Deos deste vosso Convento, por outro daquella Santa Provincia de que gozaes as Reliquias, que saõ do V. Fr. Pedro Palacios de profissaõ leigo, filho da Provincia de S. Jozè em Castella, que incorporado na dita, por superior inspiraçaõ se transferio a esta Capitanìa, em que floreceo com tantos creditos da Religiaõ Serafica, como o manifestaõ no Agiologio Lusitano o Licenciado Jorge Cardoso, e outros.

No Convento de N. P. S. Francisco da Cidade

de S. Paulo (em que recebi o habito , [e professey) os Irmãos Fr. Francisco simples , e o Irmaõ Fr. Jozé de Santo Antonio. No de Santo Antonio da Villa de Santos o Irmaõ Fr. Gregorio da Conceiçaõ todos de profissaõ Leigos , e de taõ abalizada virtude , que Fr. Francisco até das Aves era amado ; Fr. Jozé (que faleceu no Convento de N. Senhora das Neves da Cidade de Olinda , hum dos da Provincia de Santo Antonio do Brazil) divizado dos homens , com o honorifico titulo de Santo , e Fr. Gregorio , na morte , que foy no anno de 1704. receando os Religiosos a comoçaõ do povo daquella Villa , pertenderaõ sepultalo a portas fechadas , porém vendo que com machados intentavaõ violarlhas , lhas franquearaõ , e o veneravel corpo para dezafogo da sua devoçaõ.

No Convento de S. Boaventura da Villa de Santo Antonio de Saa , vulgarmente appelidada do Macacu os Padres Fr. Gerardo dos Santos, Fr. Ignacio de Jesus , e Fr. Lucas da Trindade, normas da perfeiçaõ Religiosa , e singulares ideas da vida mais reformada.

No Convento de Santo Antonio do Rio de Janeiro o Padre Fr. Antonio da Madre de Deos, de cuja vida , e portentosa morte se tirou juridico processo ; o Padre Fr. Cosme de S. Damiaõ , grande Operario da propagaçaõ de nossa Santa Fé , foy Guardiaõ deste Convento , e no de S. Francisco

da

da Cidade da Bahia da Provincia de S. Antonio do Brasil, resplandece por milagres; o Padre Fr. Cypriano da Conceiçaõ, sendo Guardiaõ deste Convento, o mandou a obediencia a Portugal, e neste transito tomado dos Mouros o levaraõ á Cidade de Marrocos, donde acabou com opiniaõ de Santo, havendo desprezado a liberdade, para o que se offereciaõ seus parentes; solicitando da Religiaõ a permanencia naquelle já voluntario cativeiro, para livrar do infernal aos muitos Christãos, que com elle estavaõ sem terem outro algum director espiritual.

No proprio Convento os Padres Fr. Manoel de S. Jozé; Fr. Sebastiaõ dos Martyres; e os Irmãos Leigos Fr. Estevaõ de Jesus; Fr. Antonio de Jesus, Fr. Christovaõ da Conceiçaõ todos adornados de virtudes, e reconhecidos entre bons por superlativos. e finalmente no anno de 1732. deixou o Irmaõ Leigo Fr. Antonio de S. Gregorio Capareiro taõ bom nome nesta Cidade, que logrou em vida, e morte estimaçoens de Varaõ Santo. Com as mesmas vemos tratado ao Irmaõ Fr. Fabiano de Christo, que he o assumpto da presente Relaçaõ.

Com estes illustres habitadores de vossas Casas, além de outros muitos, que se naõ perpetuaraõ suas memorias com a distinçaõ devida por seus contenporaneos; por outros que na reduçaõ de peccadores, e conversaõ de gentios á nossa santa Fé

se

ſe empregaraõ com infatigavel zelo. Pela auſtera vida, que nas meſmas ſe pratica, em humas donde o mais do anno, naõ comem ſeus habitadores carne, em outras donde rara vez entra peixe freſco; e em quaſi todas he perpetua abſtinencia de paõ e vinho; a cama huma eſteira com pobres mantas; as Matinas á meya noite, ſó diſpenſadas nos tres dias da Semana Santa, os jejuns rigoroſos por muitas circunſtancias, as diſciplinas de todos os dias em Quareſma, e Advento, e no mais tempo do anno tres dias na ſemana; os edificios dos mais reformados da Ordem; e as jornadas de humas caſas ás outras, em que ſe comprehende deſde a primeira da parte do Sul, á ultima da do Norte mais de trezentas legoas, as mais rigoroſas, pois ſe haõde experimentar os dezabrimentos do mar, ou rios, ou caminhos dezertos, e taõ eſcabrozos, que ſó o ponderalos intimìda; razoens todas, que vos fazem acredora de muita gloria, e de ſeres conhecida por huma das mais perfeitas Provincias da Monarquia Serafica; e aſſim,

Sendo como ſois Provincia taõ pobre, em Continente taõ rico, taõ penitente, taõ zeloſa na converſaõ das almas, já procurando-as pelos Certoens, e nos pulpitos em os povoados com a palavra Evangelica; promptiſſima para as confiſſoens de noite, e de dia, com o meſmo diſvelo na aſſiſtencia dos moribundos, e com Varoens de ſinaladas virtudes,

abona-

abonadas às de muitos com especiaes favores do Ceo; logre justamente o Illustre nome de Santa em todo o tempo, pois em todo o de vossa duraçaõ, desde a primeira origem até o presente estaes produzindo frutos dignos dos louvores de Deos, credito do Instituto Capucho, de toda a Religiaõ Minoritica, e de vós propria.

Admiti pois Santa Provincia este culto, que assim volo supplica, quem humilde volo consagra.

Fr. Apollinario da Conceiçaõ.

LI-

LICENÇAS
DA ORDEM

Fr. Juan de la Torre, Lector Jubilado, Theologo de la Mageſtad Catholica en la Real Junta por la Immaculada Concepcion, Cõmiſſario General de la Ordem de N. Seraſico Padre S. Franciſco, en eſta Familia Ciſmontana, y Siervo &c.

POr el tenor de las preſentes, y por lo que a nos toca concedemos nueſtra bendicion, y licencia para que con examen, y aprovacion *in ſcriptis* del R. P. Fr. Franciſco de la Concepcion, ex Difinidor, y Chroniſta de nueſtra Provincia de Padres Terceros de Portugal, pueda darſe ala Prenſa un libro intitulado. *Ecco Sonoro da Clamoroza Voz &c.* Que ha compueſto el P. Fr. Apollinario de la Concepcion Religioſo Lego, y Chroniſta de nueſtra Provincia de la Concepcion del Rio de Janeiro, y en todo lo de mas ſe obſervaran los decretos del Santo Concilio de Trento, *ac ſervatis cæteris de jure ſervandis.* Dat. en eſte nueſtro Convento de S. Franciſco de Madrid en 10 de Mayo de 1748.

Fr. Juan de la Torre
Commiſſario General

P. M. D. S. Rever.
Fr. Eugenio de Olozaga
Secret. G. de la Orden.

Censura do M.R. P. Fr. Francisco da Conceiçaõ da Ordem Terceira da Penitencia de S. Francisco ex Deffinidor, e Chronista da sua Provincia

OBedecendo á inviolavel Ordem, e especial commissaõ do nosso Reverendissimo Padre Fr. Joaõ de la Torre, Leitor Jubilado, Theologo da Magestade Catholica em a Real Junta da Immaculada Conceiçaõ, e Commissario Geral da Ordem dos Menores de nosso Padre Saõ Francisco em a Familia Cismontana, li com gosto, e examiney com attençaõ o livro intitulado *Ecco Sonoro da Clamorosa Voz &c.* que compoz o Padre Fr. Apollinario da Conceiçaõ, dignissimo filho da muito Santa Provincia do Rio de Janeiro da Regular, e mais estreita Observancia, e da mesma meritissimo Chronista. O que posso affirmar (naõ excedo os limites da verdade, pois testemunhaõ, e publicaõ tantas penas, quantas saõ as dos Varoens doutissimos, e que em lugar de censuras, escreveraõ elogios em as suas obras) he que o Padre Fr. Apollinario da Conceiçaõ he taõ conhecido, como estimado da Republica literaria por Author de muitos eruditos, e excellentes livros; huns espirituaes, outros Historicos, e todos admiraveis, naõ sendo menos, que onze os que até aqui tem visto a luz do prelo. Eu me persuado, que o muito, que este Author tem escrito exce-

de

de a esfera do humilde estado, que professa, e que só hum superior celestial influxo he o que pode concorrer para o dezempenho de tantos livros, perfeitamente completos, e com tanta facilidade, por meyo da imprensa, publicados. Nos que pertencem á Historia observa os preceitos de hum verdadeiro Chronista, sem que a paixaõ de affectos, que a tantos arrasta, seja poderosa para inclinar o fiel da balança da sua rectidaõ nem a esta, nem áquella parte. E quando alguma das partes note, ou censure nas obras deste Author cousa contraria á verdade, saiba que ao Author lhe naõ foy possivel alcançar mais individual certeza com toda a sua infatigavel indagaçaõ. Por esta causa he manifesto o alto conceito, e universal applauso, com que correm os seus livros, naõ só em o nosso Portugal, e seus Dominios, mas por todas as quatro partes do Universo; pois por todas as suas Regioens se dilata em as suas Tres Ordens a Sagrada Penitente Religiaõ do nosso Serafim humano, cujos filhos, ambiciosos de taõ grande, e estimavel Thesouro de noticias Seraficas, com disvelo o procuraõ, e alcançaõ com ventura, e com gosto o conservaõ. Este foy o attendivel respeito, porque o nosso Reverendissimo Padre Fr. Joaõ Bermejo, Ministro Geral de toda a Ordem lhe conferio em o primeiro de Junho de 1740, o titulo de Chronista da sua Reformada Pro-

vincia do Rio de Janeiro; cuja eleiçaõ confirmou nosso Reverendissimo Padre Ministro Geral Fr. Caetano de Laurini, sendo o Padre Fr. Apollinario da Conceiçaõ meritissimo de ser Chronista de todas as Tres Seraficas Ordens pela copiosa literaria produçaõ, com que o seu elevado engenho as tem illustrado, e enobrecido.

E sendo esta a excellencia dos mais livros deste Author, naõ merece menos plausibilidade a presente obra, que quer dar ao prelo com este titulo: *Ecco Sonoro da Clamorosa Voz da Cidade de S. Sebastiaõ do Rio de Janeiro . . . na Saudoza despedida do Irmaõ Fr. Fabiano de Christo &c.* Este Sonoro Ecco da Clamorosa Voz (que por multiplicado formava Clamores, e Sonoros Eccos) depois da morte do Servo do Senhor, o Irmaõ Fr. Fabiano de Christo, Religioso da mesma Provincia do Author, foy ouvido em as partes muito remotas, e nas Regioens mais distantes. Pois sendo levantada a Clamorosa Voz na Cidade do Rio de Janeiro, naõ servio de obstaculo o quasi immenso espaço de tantas christalinas aguas para se ouvirem na Cidade de Lisboa os Sonoros Eccos destes Clamores; trazendo os *Eccos de Clamores* as virtudes, de que Fr. Fabiano de Christo fora ornado, e as supplicas de seus devotos enigmaticamente retratadas.

Esta dicçaõ *Clamores* he igualmente Latina, e Por-

é Portugueza, conſervando a meſma ſignificaçaõ em hum, e outro idioma. No Latino forma adicçaõ *Clamores* hum quinario de repetidos Sonoros Eccos, e todos com ſignificado myſterioſo, como ſe vé: *Clamores*, *Amores*, *Mores*, *Ores*, *Res*, *Es*. Porque o primeiro Ecco de *Clamores* he *Amores*; e vem publicando, que em Fr. Fabiano de Chriſto tudo eraõ actos de Amor para com o ſeu Divino amante JESUS Chriſto; e que tudo nelle eraõ actos de Caridade para com o proximo, a quem ſervia: *Amores*. O ſegundo Ecco de *Clamores* he *Mores*; e vem dizendo, que eſtiveraõ ſempre reveſtidos com as precioſas galas da candidez, e innocencia os ſeus honeſtos cuſtumes: *Mores*. O terceiro Ecco de *Clamores* he *Ores*; e vem perſuadindo aos ſeus devotos, que nas afflicçoens a elle recorraõ, para que por elles Deos ore: *Ores*. O quarto Ecco de *Clamores* he *Res*; e vem moſtrando ſerem exemplares, e ſantas em ſua penitente vida todas as ſuas obras, e acçoens: *Reſ.* He o quinto, e ultimo Ecco de *Clamores* *Es*; e declara, que admirando nós neſte Servo de Deos taõ eſclarecidas virtudes, rompa a noſſa particular devoçaõ neſtas affetuoſas palavras: *Fr. Fabiano de Chriſto, Servo deſte Senhor, lembrate de nós; pois com pia credulidade nos perſuadimos eſtás na ſoberana prezença do Altiſſimo. Es.*

Iſto contém em ſi os myſterioſos Sonoros

Eccos

Eccos da dicçaõ *Clamores*; ou o *Ecco Sonoro da Clamoroſa Voz da Cidade de S. Sebaſtiaõ do Rio de Janèyro*, ouvidos com aſſombro na Cidade de Lisboa. Mas como o Ecco naõ tenha outro ſer, nem mais duraçaõ, que a que lhe communica, o ar, a impulſo da voz repercutido, acabado o impulſo do ar da voz, acaba o ecco: podendoſe por eſta cauſa propriamente chamar o *Ecco Voz ſem Voz*, e *Vida ſem Vida*, como o dá a entender Auſonio neſtes Verſos:

Vane quid affectas faciem mihi ponere, Pictor?
Ignotamque oculis ſollicitare Deam?
Aeris, & linguæ ſum filia. Mater inanis
Judicii; vocemque ſine mente gero.

Para que eſte *Ecco Sonoro da Clamoroſa Voz da Cidade do Rio de Janeyro*, depois do feliz tranſito do Veneravel Fr. Fabiano, permaneceſſe com eterna duraçaõ nos coraçoens dos homens mais remotos, o ſoube animar neſta compendioſa, e clara Hiſtoria o ſeu Author com as vivas cores da ſua elevada, e diſcreta pena, onde ſe vè igualmente dezempenhada a clareza no dizer com a fidelidade no referir; ſem que deſcubra a minha curioſidade neſte livro couſa alguma, que cenſurar, mas muito que admirar; e achando muito que ſeguir, nada encontra, que advertir. Por eſtes motivos,

e pelo

e pelo de naõ conter clausula, ou palavra, contra a pureza de nossa Santa Fé, e Constituiçoens Apostolicas; pois com a cautela, com que o Author protesta naõ ser o seu intento na vida, que escreve, violar em cousa alguma os irrefragaveis Decretos do Santissimo Padre Urbano VIII. o approvo para que se possa imprimir, cuja licença, pelo que toca à Ordem, concede nosso Reverendissimo Padre Commissario Geral ao Author posta esta minha approvaçaõ. Lisboa em o Convento de Nossa Senhora de JESUS 5 de Junho de 1748.

Fr. Francisco da Conceiçaõ.

DO

Censura do M. R. P. M. Fr. Joseph da Assumpçaõ Lente jubilado em Sagrada Theologia, Qualificador do Santo Officio, Regente dos estudos, ex Secretario Geral, e Deffinidor Geral da sua Congregaçaõ dos Agostinhos Descalços deste Reino.

EMINENT. E REVEREND. SENHOR.

HE justo chegue a ouvirse em toda a parte, e nas mais distantes do Mundo este Ecco, que pelo Sonoro, que he, fazendo boa, e suave armonia aos ouvidos de todos naõ deixará de se lhe imprimir no coraçaõ, para que rompendo em vozes bem ajustadas, seus eccos sejaõ de Deos bem aceitos: este o cuidado daquelle incançavel, e Veridico Escritor filho legitimo do Serafim Francisco Fr. Appolinario da Conceiçaõ, aquelle Varaõ constante, e a todas as luzes egregio, que tomou por emprego, e empenho do habito com que se nobilita o zelar a honra, e credito de sua felicissima, e fecundissima Mãy, resuscitando com incrivel ardor, e espirito tantos pequenos seos na terra, quantos se admiraõ, e veneraõ hoje grandes no Ceo, e veremos quando nos acharmos possuidores da Bemaventurança.

Faz bem, e obra com acerto, em nos mos-

trar

trar nesta vida que descreve com o seu costumado engenho, e graça o como ao Ceo se sobe; e penhores taõ singulares naõ tem defeitos que se lhe notem, se bastaõ para livrar-se de toda a Censura os protestos que faz como Religioso, e Catholico, e obreiro fiel da vinha do Senhor. Na escada de Jacob muitos ouviriaõ falar, e dizer que no Ceo se terminava, e a extremidade della se via a Deos unido, da pratica dos degraos o ignoraõ naõ poucos; para que se façaõ cientes pareceme acredora esta peregrina obra da licença que se lhe pede. Este o meu parecer. Lisboa em o Convento da Senhora da Boa Hora de Religiosos Eremitas Agostinhos Descalços. 14 de Junho de 1748.

O M. Fr. Joseph da Assumpçaõ.

VIsta a informaçaõ, póde imprimirse o papel de que se trata, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual naõ correrá. Lisboa 14 de Junho de 1748.

Fr. R. Alencastro. Abreu Trigozo.

Censura do M. R. P. Fr. Jeronymo de Belem da Provincia Serafica dos Algarves, Consultor da Bulla da Cruzada, Examinador das Tres Ordens Militares, Bibliothecario do Convento de Xabregas, Chronista da sua Provincia, e Escritor publico.

EXCELLENT. E REVEREND. SENHOR.

POr ordem de Vossa Excellencia vi, reví, e admirey o *Ecco Sonoro da Clamorosa Voz, que deu a Cidade de S. Sebastiaõ do Rio de Janeiro*, composto pelo Padre Fr. Apollinario da Conceiçaõ Escritor publico, e meritissimo Chronista da sua Provincia, e sendo sempre gostozo para mim este Sacrificio, todas as vezes que Vossa Excellencia me confere similhante mercé, nesta occasiaõ a devo mais estimar pela materia, que me offerece este Ecco, que sendo toda de virtude, sò esta voz bastava para fazer sonoro ecco nos ouvidos deste indigno Irmaõ, que applaudindo a justificada vida, e ditoza morte de hum Veneravel Religioso, louva igualmente o infatigavel disvelo de outro na exposiçaõ de taõ prodigiosos factos, reduzidos a hum Sonoro Ecco. Muito parecido

he

he eſte, ſe bem que com conhecida ventagem, ao que refere o Padre Kircher, e ſe admira em huma caſa de recreyo dos Condes de Simoneta em pouca diſtancia de Milaõ: he tal o artificio daquelle Ecco, que vinte, e quatro vezes repete a meſma Syllaba, ou palavra, e ainda mais, ſegundo a força, e violencia, que faz a voz, que a pronuncia. Ainda diz mais eſte Ecco, porque, ſendo muitas as vozes, que na Cidade do Rio de Janeiro publicavaõ a virtude do Servo de Deos Fr. Fabiano de Chriſto, com tal valentia as repete, que naõ ſô naquella populoza Cidade, e em toda a America, mas agora em Portugal ſe eſtá ouvindo, e admirando o que paſſou em tanta diſtancia; e ainda pelo artificioſo ecco da eſtampa ſeraõ infinitas ſuas repetiçoens. De ſimilhantes eccos eſtá bem ornado o Orbe Serafico, onde as diſciplinas, jejuns, abſtinencias, e oraçoens repetem, virtude, ſantidade, e milagres com grande edificaçaõ dos que lem ſuas Chronicas. Finalmente, como eſte eſpiritual Ecco repete com inteireza da noſſa ſanta Fé, e regularidade dos bons coſtumes tudo o que conduz á edifieaçaõ dos fieis, he ſeu Author digno da licença, que pede. Voſſa Excellencia mandará o que for ſervido. Saõ Franciſco de Xabregas 17 de Junho de 1748.

Fr Jeronymo de Belem.

VIsta a informaçaõ pode imprimirse, e depois torne conferido para se dar licença para correr Lisboa 18 de Junho de 1748.

D. J. Arcebispo de Lacedemonia.

DO PAÇO.

Censura de Diogo Barboza Machado Abbade Reservatario da Igreja de Santo Adriaõ de Sever, e Academico do numero da Academia Real da Historia Portugueza.

SENHOR.

O Incansavel disvelo, e estudioso empenho com que o Author incessantemente promove os gloriosos tymbres da sua Religiaõ Serafica saõ patentes nos multiplicados volumes que em seu obzequio tem publicado, entre os quais merece distinto lugar esta summaria Relaçaõ da vida, e morte do Servo de Deos Fr. Fabiano de Christo Religioso da Provincia do Rio de Janeiro, de que o author he benemerito filho, o qual ennobrecendo a Europa com o seu nacimento, santificou a America com a sua morte. Permita Vossa Magestade

geſtade que ſe publique eſta hiſtorica narraçaõ para eſtimulo da piedade Catholica, e credito daquella myſtica arvore taõ dilatada em ramos, como abundante de frutos de Santidade que eſtà continuamente produzindo nas quatro partes do mundo. Lisboa 23 de Junho de 1748.

Diogo Barboza Machado.

QUe ſe poſſa imprimir viſtas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impreſſo tornarà a eſta Menſa para ſe conferir, e tayxar, e dar licença para correr, e ſem eſta naõ correrá. Lisboa 25 de Junho de 1748.

Almeida. Caſtro. Mouraõ.

DO

DO SANTO OFFICIO.

VIsto eftar conforme com o original, póde correr. Lisboa 5 de Julho de 1748.

Fr. R. de Alencaftro. Silva. Abreu. Almeida. Trigozo.

DO ORDINARIO.

POde correr. Lisboa 6 de Julho de 1748.

Silva.

DO PAÇO

QUe poffa correr, e taixaõ em 320. Lisboa 6 de Julho de 1748.

Almeida. Caftro. Mouraõ.

PRO-

PROTESTAÇAM DO AUTHOR.

COmo filho da Santa Igreja Catholica Romana, à cuja filial obediencia ajunto a que prescreve por perceito a Regra Serafica, protesto quanto devo protestar, segundo os Decretos do Santissimo Padre Urbano VIII. de feliz recordaçaõ acerca das virtudes, e cousas sobre naturaes, e o mais que contem esta narrativa, pois naõ estando declaradas pela Santa Sé Apostõlica, naõ merecem mais fé que puramente humana, e como tal, ainda que piedoza, e prudente, falivel; em quanto naõ lhe der mayor approvaçaõ a mesma Santa Igreja, a cuja censura tudo està sugeito.

ECCO SONORO.

DA clamoroza voz, com que os moradores da Cidade de S. Sebaſtiaõ do Rio de Janeiro; das do Eſtado do Braſil a mais amena, aprazivel, delicioſa, forte, e por outros titulos digna de grandes elogios, fizeraõ manifeſta a opiniaõ em que tinhaõ ao Servo de Deos Fr. Fabiano de Chriſto quando de ſua viſta ſe lhes havia de ocultar o Corpo, que ſervio de cofre a huma alma, que ſempre julgaraõ agradavel na prezença do Senhor, chegou a Lisboa o Ecco, porém percebendo-ſe ſomente, como de taõ diſtante: *morreo hum grande Servo de Deos no Convento de S. Antonio do Rio de Janeiro, vendo ſe em ſeu Cadaver demonſtraçoens da Omnipotencia Divina.*

Deſte Ecco pertendendo muitos ſaber com individuaçaõ, o mais que continha a voz, a que ſonoro correſpondia, me preciza explicala, e a expor do Varaõ de Deos huma ſumaria noticia; naõ ſó pelo emprego em que me acho de eſcrever as memorias dos Santos, e Veneraveis da Religiaõ Serafica da Claſſe dos Leigos, porém tambem por ſer

filho de huma mesma Provincia, e principalmente por me achar depositario de varias Relaçoens, que fizeraõ a este proposito os devotos do V. Fr. Fabiano, naõ sendo justo deixe de formar de todas o que baste para satisfaçaõ dos sobreditos dezejos; em quanto o naõ fizer com mais extensaõ em o quinto tomo dos *Pequenos na terra, Grandes no Ceo.* E porque naõ he pequeno abono da bondade do nosso Irmaõ Fr. Fabiano, ver os muitos, que se empregaraõ em seus Elogios, exporei antes que delle trate, os nomes dos sojeitos que em suas Relaçoens nos daõ o assumpto para a prezente narrativa. Saõ estes o Thenente general da Artelharia Jozé Fernandes Pinto Alpuim, cujo nome ainda tenho de repetir, porque sua devoçaõ assim o merece, o P. Fr. Francisco das Chagas ex Leitor de Artes, e Sagrada Theologia, Provincial que foy da Provincia, e Qualificador do S. Officio, o P. Fr. Domingos do Rozario ex Deffinidor, e Visitador da Provincia, o P. Fr. Paulo do Nascimento Prégador Apostolico, Commissario do S. Officio, ex Custodio da Provincia, e Commissario da V. Ordem Terceira da Penitencia do Convento do Rio, o P. Fr. Joaõ da Conceiçaõ ex Leitor da Sagrada Theologia, Consultor do Bispado, e actual Custodio, o P. Fr. Manoel de S. Roque Prégador, ex Custodio, e actual Secretario da Provincia, o P. Fr. Antonio

nio de S. Clara, ex Leitor da Sagrada Theologia, e actual Diffinidor, o P. Fr. Jozé da Conceiçaõ Gonzaga ex Procurador Géral que foi nesta Corte, e o Irmaõ Fr. Lauriano da Conceiçaõ Religioso Leigo, que com igual zelo quiz imitar a tantos Padres. Além das Relaçoens dos sobreditos nos valemos do M. R. P. Antonio de Carvalho Vigario da Parochial Igreja de S. Martinho de Soengas Primo do Servo de Deos, que nos participou algumas cousas da sua Patria, e pays. Assim mesmo ajuntamos algumas especiaes noticias, que nos communicou o M. R. P. Matheus Lourenço de Carvalho, Commissario do S. Officio, e Arcediago da Cathedral da Cidade de S. Paulo, e como temos cumprido com esta obrigaçaõ tratarey agora de manifestar o prometido.

Nasceo o Irmaõ Fr. Fabiano de Christo em o lugar de Soengas Freguezia de S. Martinho Conselho da Ribeira Soás, Comarca de Guimaraens, Arcebispado de Braga, tendo por pays a Gervasio Barbosa, e Senhorinha Gonsalves, de cujo matrimonio tiveraõ mais cinco filhas, que excepto huma, que tomou o estado de casada, todas morreraõ solteiras. Em dia do glorioso S. Joaõ da Matta hum dos Fundadores da Sagrada Ordem Trinitaria em que se contavaõ oito do mez de Fevereiro do anno de 1676, foy o em que do ventre materno

ſahio á luz, e a da graça recebeo na Dominga da Quinquageſima, por meyo do Santo Bautiſmo em a ſobredita Parochia, impondo-ſelhe o nome de Joaõ. E poſto que o pay era da melhor familia deſta terra por deſcender dos Senhores do antigo Morgado dos Barboſas de Soengas, era lavrador de medianos cabedaes, porém ambos os conſortes muy tementes de Deos, pois educaraõ a eſte filho taõ obſervante da Ley Divina.

Da caſa patria nos dizem fora paſtor, emprego que tem produzido muitos Sãtos; deixado eſte ignoramos o que teve na Cidade do Porto, da qual embarcando-ſe ſe tranſportou ao do Rio de Janeiro com o deſignio, que a tantos leva de Portugal a viverem no Braſil eſperando de ſeus lucros melhorar de fortuna. Emprendeo o comercio do caminho das Minas, que frequentou alguns annos, e os ultimos no eſtado de ſecular em a Villa de Paraty huma das maritimas que fica entre a Cidade do Rio de Janeiro, e a Villa de Santos. Vioſe Joaõ Barboſa mancebo, e ſenhor do ſeu alvedrio em clima benigno, com ſaude robuſta, porém nunca deixou de reconhecer, que em qualquer parte e idade ſe devia de qualquer forma amar a Deos, fugindo de offendello, e com eſte conhecimento, comerciava ſem uſuras, e de ſuas ganancias naõ era avarento para com o Senhor que lhas

con-

concedia. Viveo como bom Christaõ entre os trafegos do Mundo; porem como neste tudo saõ tormentas, naõ lhe faltaraõ combates para o precipitarem do seu bom proposito, e principalmente contra sua castidade já acommettendo-o com casamentos, e já introduzindolhe de portas adentro huma mulher deshonesta, e atrevida, da qual como outro Jozé, que nas mãos da adultera largou a capa, fugio de taõ perigoso assalto deixando naõ sómente a capa; mas a propria casa com tudo o que possuîa; porém vendo-se a tentadora frustrada do seu lascivo intento se ausentou confusa, e envergonhada a dar parte aos malevolos pertendentes, de que naõ havia ganhado o premio que lhe prometeraõ, pois com a fuga se lhe atalharaõ os meyos para poder rendelo.

Naõ contava ainda vinte oito annos completos, quando já favorecido de Deos lhe offerecia estes triunfos. Deste assalto, posto que vitorioso, ficou como temeroso de outros, e daquelle mal em que naõ incorreo, se lhe originou o bem que depois conseguio, pois aqui teve principio a sua vocaçaõ de ser Religioso. Demoravase porém em darlhe execuçaõ, pertendendo deixar aquella Regiaõ, e vindo a Portugal darlhe o dezejado comprimento. Com esta deliberaçaõ estava, quando lhe chegou o aviso na Villa de Para-

ty

ty onde era morador, que dalli seis legoas no sitio que chamaõ da Apariçaõ, lhe hauiaõ morto com hum tiro, a seu socio, e companheiro no negocio, o que fez taõ grande comoçaõ em sua alma, ponderando com luz superior o desgraçado fim das riquezas, e quam breves saõ seus gostos, a perpetuidade da gloria, de que privaõ sem haver deixado em o fim incerto da vida mais que huma cega afeiçaõ de possuillas, com esta, e outras ponderaçoens começou a desprezar a opulencia deste mundo, o amor da patria, e parentes, que lhe ministrava o proposito de voltar a este Reyno; originando-selhe deste claro conhecimento em sua alma hum ardente desejo de dedicarse logo a Christo, a quem despido, pobre, e obediente propoz servir no estado Religioso.

Naõ se deteve muito na eleiçaõ da Religiaõ porque como a de meu Serafico P. S. Francisco seja taõ propocionada para dezempenho daquelles santos proporsitos, a escolheo para a execuçaõ de sua vocaçaõ. Era Prouincial de minha Santa Provincia o M. R. P. Fr. Boaventura de Jesus, a cujos pés postrado, com vozes enternecidas, e demonstraçoens affectuosas lhe pedio, que pelo amor de Deos lhe desse o habito. Vio-o o Prelado com circunspecçaõ, atendeu o prudente, e fazendo juiso do pertendente, de que sua vocaçaõ

ção era verdadeira; depois de lhe manifestar os rigores da vida que procurava em huma Religiaõ taõ pobre, e em huma Provincia taõ penitente, e Reformada o despedio consolado. Demorouse-lhe o ultimo despacho em quanto se fizeraõ os exames necessarios, e achando-se concorriaõ no pertendente todas as condiçoens lhe mandou o Superior receber nosso santo habito no Convento de S. Bernardino da Villa de Angra dos Reys, vulgarmente chamado da Ilha Grande, Villa situada entre o Rio de Janeiro, e a Villa de Paraty. Do seu cabedal mandou satisfazer na sua terra algumas obrigaçoens forçozas, e outras obras pias, entre as quaes applicou setenta mil reis para huma alampada da Igreja de S. Joaõ da Cova, que he do Conselho de Soás, e outra larga esmola para o Senhor Jesus da Paz da Igreja Parochial de S. Martinho, em que como se disse, recebeo a graça bautismal. O restante de seus bens applicou a pobres, em cuja conta entrou o Convento de S. Bernardino, donde teve seu ingresso á Religiaõ.

Neste Convento entrou aos outo do mez de Novembro sendo Guardiaõ o M. R. P. Fr. Boaventura de S. Catherina, que annos depois foy Provincial da Provincia, e bem se podia dizer deste Religioso que pronosticava ventura á Religiaõ, pois os primeiros Prelados que teve de Boa-

ventura

ventura tinhaõ o nome. Paſſados os tres dias de recolhimento, como he uzo da Religiaõ, ſe lhe lançou o habito para Religioſo leigo, que elegeo, conhecendo ſer o eſtado mais proporcionado á reſoluçaõ com que deixava o mundo, e mais conforme á ſua capacidade, pois lhe faltava o principal requiſito das letras; celebrouſe eſte acto aos 11 do proprio mez de Novembro do anno de 1704. tendo de ſua idade vinte e oito. Vendoſe armado com eſte habito de Chriſto procedeo taõ ſujeito á doutrina monaſtica, que em breve tempo pareceo Veterano em ſua pratica, e de todas as virtudes, como o tempo comprovou. Chegou ao dia 12 de Novembro do ſeguinte anno de 1705 em que noſſa ſagrada Religiaõ ſolemniza a feſta de hum ſeu grande filho, qual era S. Diogo, leigo, e enfermeiro, e neſte dia fez ſua profiſſaõ outro leigo, e enfermeiro que o imitou muito, aſſim no eſtado, como em as virtudes. Com grande jubilo de ſeu eſpirito ſe ſacrificou a Deos em religioſa obediencia, pobreza, e caſtidade, e porque do mundo naõ lograſſe couſa alguma, na profiſſaõ mudou o nome de Joaõ pelo de Fabiaõ, e o de Barboſa, que tinha da ſua nobiliſſima aſcendencia pelo de Chriſto, de quem ſó pertendia a imitaçaõ alcançando o mayor brazaõ em ſeu appelido.

Como o noſſo irmaõ Fr. Fabiano foy ſempre amante da virtude, creſceo tanto depois de entrar na caſa do Senhor, que era reconhecido por verdadeiro filho do Serafim humanado, pois até os Prelados fizeraõ delle tal conceito, que pouco depois de profeſſo o mandaraõ por morador do Convento de S. Antonio do Rio de Janeiro, Cabeça, e Caſa Capitular da Provincia, dandolhe o emprego de Porteiro, que conforme as leys da meſma Provincia ſó o devem ſer Religioſos de muita prudencia, confiança, e virtudes, e que tenhaõ quinze annos de habito. Eſta condiçaõ, e outras graduaçoens, que devem ter os Porteiros do Convento deſta Cidade diſpenſou o Prelado, achando ſer para eſte miniſterio, muito idoneo eſte novo profeſſo; pois com ſua modeſtia, e cuidadoſo eſtudo da perſeiçaõ corregia os deſcuidados, e o natural mais eſquecido de ſi ſe compunha á viſta da ſua preſença. Tres, ou quatro annos teve a ſeu cuidado eſte officio; em que deu inteira ſatisfaçaõ ás eſperanças do Superior, que lho encarregou, achando neſte Porteiro, os Pobres amante Pay; os Religioſos hum exemplar de obſervancia, e os ſeculares hum incentivo perenne para amar, e ſervir a Mageſtade Divina.

Ao tempo que já os moradores deſta Cida-

de se alegravaõ de lograrem quotidianamente da presença de taõ virtuozo Porteiro, os Superiores lhes atalharaõ em parte esta consolaçaõ por attenderem á dos Religiosos enfermos, aos quaes o destinaraõ por enfermeiro donde a sua charidade havia ter occasioens de mayor merecimento, e os enfermos nos dezempenhos desta virtude pontuaes assistencias, e alivio em suas molestias. Tanto que se vio constituido neste charitativo ministerio, pois na Casa de Deos nenhum há que naõ seja muito aceito ao seu divino beneplacito principalmente este, que foy exercitado por muitos Santos da Ordem Serafica, de que ha tantos exemplares em suas Historias, correo veloz a tomar posse do ministerio. Nesta Palestra da Charidade, neste crisol da paciencia, perseverou o restante de sua vida, que foraõ trinta e oito annos, no discurso dos quaes ouve mais oportunidade de se reconhecerem algumas de suas virtudes, que com santo disvelo sempre pertendeu ocultar, cuja empreza era dificil de conseguir por ter nos seus domesticos tantas testemunhas das suas operaçoens virtuosas.

As deste Religioso, como taõ amante de Deos, naõ podiaõ ocultarse todas á nossa vista. A da humildade, virtude, que por mais que sutilmente o discurso a pinte, sempre ficaraõ confuzas

suas

ſuas bellas feiçoens por ſer de taõ pouco vulto ſua imagem, que no meſmo nada tem a ſua origem, della fez baze firmiſſima para a fabrica de todas as mais com o deſprezo de ſi meſmo, ſervindo de enfermeiro a Religioſos, e famulos do Convento, aos quais aſſiſtia com mayor diſvelo naõ permitindo que outrem lhe uzurpaſſe os mais viz miniſterios, em os quaes com virtuoſa ambiçaõ elle queria ſer unico. Parecia inſenſivel a algumas palavras, que a outro fariaõ romper em colera, e como ſe as naõ ouviſſe, ſe retirava com ſemblante alegre: quando o trataváõ com eſtimaçoens, ſe naõ podia auzentarſe ſe reconhecia melancolico, e alegre quando em alguma fórma ultrajado; diſto tinhamos o exemplo, naõ faltando outros, que omitimos na ultima ſeſta feira de cada mez. Neſta faz o Prelado local Capitulo, dito de culpas, cada hum em ſeu Convento, para o que a ſom de campa ſe convoca a Communidade, acto a que ſó naõ concorrem os enfermos. Aqui ſe caſtigaõ os defeitos de que o Prelado tem noticia pois naõ ha Communidade taõ auſtera, que naõ tenha ramos de ſuperfluidade vicioſa, que cortar, porque como a culpa he nativa, e a virtude enxertada, o natural ſempre brota; por eſta cauſa ſe fazem eſtes Capitulos de culpas hindo cada hum dos Religioſos

pór ſua vez, e proſtrado aos pés do Prelado, expor alguns de ſeus defeitos. Neſte acto naõ eſperava Fr. Fabiano, para quando, conforme os annos entre os de ſua profiſſaõ, lhe tocaſſe hir á culpa: porém unindoſe com os Irmãos Coriſtas que ſó vaõ juntos; e ſaõ os primeiros, com promptidaõ ſe deſpojava para receber os açoutes de que ſempre ſe achava ſua humildade acredora. Alguns Prelados para mayor mortificaçaõ deſte Religioſo lhos mandavaõ dar, outros por mais lhe duplicarem o merecimento lhe davaõ elogios, e fazia-ſe reparavel pelo ſemblante do roſto, que mais eſtimava a primeira, que a ſegunda fórma de o mortificarem, condiçaõ quaſi connatural em os verdadeiros humildes.

Em a da obediencia, que he a piramide donde o amor do ſubdito ao paſſo que ſe acriſola, ſe ſacrifica; fazia eſte Religioſo neſte ſacrificio doaçaõ de toda a alma para naõ ter mais operaçoens, que ao que animava a vontade do Superior, ſendo argumento deſta verdade, verem-no desfeito em prantos, dezabafando com as lagrimas a magoa de ſeu coraçaõ, quando naõ via ſatisfeitos os Prelados do que obrava; e preguntandoſe-lhe a cauſa de ſua triſteza, e lagrimas, reſpondia: *porque naõ cumpro como devo à vontade do Superior, ſendo minha ignorancia, e rudeza a motora de meus de-*

ſacertos;

certos. Achandose já avançado em annos com as pernas taõ inchadas, e a direita mais que monstruoza, além de ferida, se a obediencia o mandava a alguma deligencia á Cidade, podendo justamente escuzarse, escuzado era ainda que de alguns incitado o deixar de dar execuçaõ ao mandato; com a perna arrastro, encostado a hum baculo, o corpo arqueado, partia sem demora, e voltava ao Convento, e á presença do Prelado taõ satisfeito, como se naõ tivera tanto de que poder queixarse. Porèm como se havia de queixar este verdadeiro obediente, quando tanto lhe custava no penultimo anno de sua vida, o ver que os Prelados já o naõ occupavaõ! e disto se lamentava, e a mim mo significou em carta sua de 4 de Outubro do anno de 1746 dizendome: *E com os meus achaques já a Religiaõ me deixou, como as naos velhas, que naõ fazem viagem, pois sou praça sem prestimo.*

A angelica virtude da Castidade, que entre as demais he huma joya taõ preciosa, e delicada, que para sua segura custodia naõ ha diligencia, que sobre, nem receyo, que se possa chamar nimio; e por isso lemos em a vida de qualquer Santo, que para assegurar o precioso deste thesouro, se armaraõ de muitas penitencias, e mortificaçoens, para chegarem a conseguir o fim de

ren-

render de todo ao defcarado orgulho da concu-
pifcencia, que lograraõ gozar em pacifica poffef-
faõ de fuas almas. A efta imitaçaõ feguio, e con-
feguio efte perfeito leigo de S. Francifco, confervar
intacta a pureza virginal em todo o tempo da fua
vida, como o affeveraõ os Padres feus Confef-
fores; tanto a eftimava, que para mais bem a
confervar, vendo-fe incitado para o eftado de ca-
fado, e combatido por illicitos modos, fe fez Reli-
giofo. E como fabia, que o inimigo domeftico
em qualquer parte accomette, e que he neceffa-
rio morrer para vencello, e para que fe naõ def-
trua a alma, deftruir o corpo, crucificava o feu
com jejuns, penitencias, e mortificaçoens de fenti-
dos, e oraçaõ. Seus olhos, labios, e movimentos
todos indicavaõ efta virtude, e fe por acafo ou-
via alguma palavra menos honefta logo fe aufen-
tava de quem a proferia, repetindo por muitas
vezes o SS. Nome de JESUS, a de MARIA San-
tiffima, e fazendo outras tantas o falutifero final
da Cruz fobre o feu coraçaõ. Prova evidente de fua
caftidade foy a que fe reconheceo em feu corpo de-
pois de morto, mais fragante, e o que nelle fe admi-
rou que em feu lugar exporey.

A pobreza fundamento da fabrica Serafica,
e timbre de fuas mayores glorias foy do noffo en-
fermeiro muito eftimada. Defejava fer verdadei-
ro

to pobre, e naõ lhe faltando nada para sello, era
taõ avaro da pobreza, que lhe parecia muito
pouca sendo estremada a sua; nunca já mais te-
ve cella, vivendo no Convento como peregrino
neste mundo; antes de hir para a enfermaria, na
Igreja, e Coro fazia seu domicilio; na enferma-
ria em hum canto da quadra fóra das alcobas don-
de formava de capas de fardos, que pedia de es-
molla, huma como barraca; seu leito huma cai-
xa que servia de guardar roupa, a cama usou
muito tempo de hum couro de boy, noutro de
huma esteira, sem mais travisseiro, que hum ma-
deiro, sobre que reclinava a cabeça. Sendo Guar-
diaõ o P. Fr. Antonio da Conceiçaõ, hoje me-
retissimo Provincial, vendo que os achaques des-
te enfermeiro necessitavaõ de paragem mais apta
para tratar das suas chagas, lhe fez ocupar hu-
ma das alcobas; suas alfayas cilicios, disciplinas,
contas, e outras precisissimas, como agulhas,
e linhas. Se algum bemfeitor lhe mandava algum
mimo, logo o repartia pelos Religiosos enfer-
mos, e sãos, conforme a qualidade de que consta-
va, naõ tendo mais parte na ofertada esmola,
que a de distribuilla por seus amados enfermos,
e outros Religiosos.

A charidade, que em a Monarquia das vir-
tudes occupa o solio, em nosso Fr. Fabiano foy
a que

a que governou todas as ſuas acçoens, ja mais fez alguma por humanos fins, nem temporaes reſpeitos; tiveraõ todas por termo a Deos, e por origem a charidade; daqui procedia, que na portaria ſe houveſſe com os mendigos com tanta affabilidade, como ſe em cada hum vira a Chriſto bem noſſo, procurando por todos os modos a ſua conſolaçaõ, repartia lhes naõ ſó o que a Communidade deſtina para o tal ſoccorro (inventado na Religiaõ Serafica donde todas as mais tomaraõ eſte ſanto uſo) como tambem a mayor parte da ſua reçaõ, e tudo o mais que podia adquirir dos devotos para remediar aos neceſſitados. No miniſterio de enfermeiro de tal fórma praticou eſta virtude, que naõ ſo a disfrutaraõ os Religioſos, e famulos enfermos, porém com igualdade os ſãos, que de enfermos lhe faziaõ repreſentaçoens, pois com qualquer pretexto de queixa naõ tratava de mais exames, procurando ſomente de logo remediar a neceſſidade, que lhe expunhaõ, ſem niſſo moſtrar máo ſemblante, ou proferir palavras deſabridas, e ſò quando muito por ſerem ás vezes muitos os ſupplicantes dizia; *Todos tem neceſſidade, ora vamos com Deos, e ter cuidado com os bemfeitores.* No diſvello, e tratamento dos enfermos ſe afervorava a ſua charidade, pois na aſſiſtencia

tencia prompto, ſem receyo da mais contagioſa enfermidade, por todos os meyos procurava ſeu alivio, e ſaude; entriſtecia-ſe vendo-os penar, e quando via, que infalivelmente acabavaõ da enfermidade preſente recorria ao Tribunal Divino ſupplicando a Deos deſſe ao ſeu enfermo huma feliz morte; fazendo lhe adminiſtraſſem os Sacramentos a tempo conveniente, e com ſuas ſinceras palavras lhes fazia advertencias, todas forjadas na fragoa da ſua charidade, e bem de ſeu enfermo. Eſtes, e outros extremos, que praticava com os enfermos domeſticos, o faziaõ appetecido dos enfermos ſeculares, os quaes vendo naõ conſeguiriaõ a ſua aſſiſtencia, ao menos ſolicitavaõ ſuas vizitas, e finalmente tanto amava, e ſe condohia de ſeus enfermos, que por lhes naõ cauſar o mais leve detrimento, ſe expunha a padecer, e ſirva de exemplar eſte acto. Andava fóra de horas, rezando no fim da enfermaria com os pés deſcalços; o que atendido pelo irmaõ Fr. Domingos de JESUS, eſtando enfermo, lhe diſſe em huma occaſiaõ. *Irmaõ Fr. Fabiano para que anda ſem ſandalias, com os achaques, que padece, principalmente nas pernas, de que ſe lhe póde originar grande damno. Naõ vè irmaõ* diſſe o caritativo enfermeiro, *que com ſandalias acordariaõ os doentes; o que naõ convem*, dando

com eſta repoſta da obſervancia do ſilencio, e da charidade huma ſanta liçaõ.

Naõ ſó exercitava o fervor de ſua charidade com os neceſſitados viandantes, porém paſſavaõ ſeus affectos as rayas deſta vida, a ſoccorrer as neceſſitadas Almas do Purgatorio. Deſtas foy ſempre taõ compadecido, que ſendo ainda ſecular lhe erigio Irmandade na Parochial Igreja da Villa de Paraty, donde a naõ havia. Na Religiaõ lhes applicava continuados ſuffragios de oraçoens, jejuns, diſciplinas, e Miſſas, que ouvia, e logo, que falecia algum Religioſo, naõ ceſſava de contribuirlhe os oito centos Padre noſſos, e outras tantas Ave Marias, que por Conſtituiçaõ da Provincia tem de cada Religioſo leigo, o que morre, aſſim como de cada Sacerdote oito Miſſas, e de cada Choriſta outros tantos officios de defuntos, no que punha tanto cuidado de logo ſoccorrer ſuas almas, que ſuccedia ás vezes ter cumprido eſta obrigaçaõ, antes de ſe ter dado ſepultura ao defunto; como ſuccedeo com o que agora ſe ſegue. Ouvemſe na noute antecedente ao falecimento de algum Religioſo do Convento de Santo Antonio do Rio de Janeiro tres myſterioſos toques, que ſe percebem na Enfermaria, e ſe daõ com ſeus pequenos intervallos no deſtricto, que ha deſde o fim da eſcada, que ſobe do Dormito-

rio

rio, até á porta da meſma Enfermaria, que de tempos immemoriaes alli ſe daõ, ſendo muitos os Religioſos, que os tem ouvido, e neſta Corte reſide no Convento do noſſo P. S. Franciſco o Irmaõ Fr. Antonio de S. Caetano Procurador da terra Santa, que por muitas vezes os ouvio. Em huma noite ouvindo-os o bom Enfermeiro, e como naõ tinha enfermo de conhecido perigo diſſe na Enfermaria, *para qual de nós ſera o aviſo dos toques*: eis que no outro dia chegou o aviſo de ſe achar morto na ſerra do Taipú o Irmaõ Fr. Joaõ de Santa MARIA, o Arnellas, appelido de ſua Patria Religioſo leigo, que andava no peditorio da outra banda da Cidade, para eſte Convento em que era morador, cujo cadaver acharaõ poſto de joelhos, as contas nas mãos, e a alma com Chriſto, entaõ diſſe o devoto das almas, bem me parecia a mim que ouvira os toques, e já lhe ſatisfiz os meus officios.

Deſte grande amor aos proximos ſe verifica o muito, que amava a Chriſto, o meſmo ſe conteſtava na cordial devoçaõ, com que ſervia ao Sacramentado Senhor. Tinha taõ viva fé dos ineffaveis myſterios, que eſte Sacramento encerra, e taõ alto conhecimento dos atributos de Omnipotencia, Sabedoria, e Amor, que nelle moſtrou a SS. Trindade, que naõ ſe ſaciava ſeu affecto de

contemplalo, viſitando-o entre dia, e noite muitas vezes; para o receber, que ao menos eraõ duas vezes na ſemana, ſe preparava com actos de Religiaõ, e fervoroſiſſimos affectos; daqui lhe naſcia a affeiçaõ, e deſejos que tinha de ajudar as Miſſas, naõ havendo exemplar, que o eſcuſaſſe já mais deſte miniſterio angelico, ſe naõ mediava em aquelle tempo ocupaçaõ da Obediencia. Deſde muito de madrugada o viamos ajudando âs miſſas os Padres Collegiaes; da Igreja ao amanhecer ſubia á Enfermaria, e diſpoſtas as couſas de ſeu miniſterio ajudava a todas as que alli ſe celebrávaõ, e ſobrando tempo por naõ ſe dizerem mais Miſſas, voltava a Igreja empregando-ſe neſte officio de Acolito até a Miſſa do dia, e nos ultimos annos impoſſibilitado já para eſtes giros, e ſerviço da Miſſa, encoſtado ao bordaõ arraſtrando a perna chagada as hia ouvir. Eſta devoçaõ ao SS. Sacramento era neſte Servo de Deos mui antiga, pois já no ſeculo nos conſta procurava os ſeus mayores cultos, como ſe vio na Villa de Paraty, donde com ſeu zelo, e eſmollas augmentou mais a Irmandade, e culto do Senhor. Todos os amantes de Chriſto Noſſo Salvador o ſaõ de ſua SS. Mãy conſiderando-a meyo efficaz, e uniaõ amoroſa com ſeu SS. Filho. Teve entre eſtes ſeu lugar o noſſo Fr. Fabiano; porque foy muy eſpecial devoto da Rainha dos Anjos

MA-

MARIA SS. a quem obſequiava com muitas devoçoens, jejuns, diſciplinas, e outras obras meritorias, principalmente aos ſabbados, e nas veſperas dos dias de feſta da ſoberana Senhora.

Em a virtude da Penitencia eſcudo forte dos juſtos foy eſte Religioſo muy conſtante; obſervando os jejuns aſſim os da Regra Seraſica, como os deſuprerogaçaõ atè o ultimo de ſua vida, ſem attender a annos, nem a falta de ſaude; e nelles ſe abſtinha de peixe, nunca o comia, nem bebia vinho. Em o que havia de comer, quer em dias de carne, quer nos de jejum, ſempre diſſaboriava a vianda lançandolhe humas vezes agua fria, com o pretexto de eſtar muito quente, outras ſal, o que naõ neceſſitava, em outras cinza; quando entendia naõ era viſto. Naõ contente ſeu fervorozo eſpirito com as frequentes diſciplinas da Communidade, a que nunca faltava, ajuntava outras a diverſos motivos, e devoçoens, e em todas ſem piedade alguma de ſeu quebrantado corpo; em toda a vida Religioſa o trouxe cingido de aſperos cilicios, e o de arame, que traſia pela cintura taõ perpetuo, que nunca o tirou ſe naõ dois dias antes de ſeu falecimento: a cama taõ aſpera como fica mencionado, as vigilias extenſas de quazi toda a noite; porque neſta ſó dava de repouzo ao ſono das dez horas, atè fazerem o primei

ro

ro final para Matinas á meya noite, a que sempre se levantava, e posto que por seu officio neste Convento era dispensado de hir ao Coro, se hia para, a Igreja assistir ao officio divino, e oraçaõ mental, e raras vezes tornava á Enfermaria antes de amanhecer. Outras vezes que naõ podia descer á Igreja, ou por ter doente de cuidado, ou se achar molesto mais do ordinario, da Enfermaria fazia Igreja recitando alli os divinos louvores todo o tempo que a Communidade nos mesmos permanecia. Já mais concedeu a seu penitente corpo o minimo descanço tirado o precizo das duas horas em que repouzava tràzendo-o sempre atenuado de trabalho já servindo na Enfermaria aos doentes, jà aos sãos nos ministerios do Convento, querendo acharse a todos os actos de mayor utilidade da Casa, ou alivio de seus Irmãos. Outras vezes reparando a roupa velha da Enfermaria, que cozia, e remendava, e noutras formando disciplinas, e cordõeissinhos, que posto eraõ toscos, os estimavaõ os devotos que com instancia lhos pediaõ. Sem embargo de taõ continuado trabalho de tal fòrma o irmanava com o deliciosо, e angelico exercicio de oraçaõ mental, e vocal, que o exercicio de Martha era preparaçaõ, para lograr o ocio da Magdalena, porque como em hum, e outro a Deos contemplava, sempre o trazia pre-

sente

ſente, e para tudo tinha tempo, que quem o empregava taõ perfeitamente, naõ lhe podia faltar, e aſſim de noite principalmente as gaſtava em oraçaõ, e os dias nos miniſterios referidos.

Na virtude da paciencia deu ſempre grande exemplo no diſcurſo de tantos annos de Enfermeiro deſte Convento, em que de ordinario ſaõ ſeus moradores, cento e vinte, em cuja Enfermaria nunca faltaõ velhos, e enfermos, vindoſe tambem alli curar os que adoecem nos Conventos de Saõ Boaventura, e Bom JESUS dos Navegantes, e os criados da Caſa, donde conforme os differentes genios, compleiçoens, e freneſis, que incitaõ os humores, nunca falta aos enfermeiros que tolerar, e ſem muita ponderaçaõ, ſe pode ter por certo o merito, que eſte Servo de Deos aqui conſeguiria. Ocaſiaõ ouve entre outras muitas em que a mezinha que com o criſtél pertendia lançar a hum Religioſo, a recebeo em ſeu roſto, capello, e habito, cujos lances tolerava com admiravel ſofrimento. Querendo o Altiſſimo acryſolar mais o ſofrimento de ſeu ſervo com huma dilatada enformidade, e confortalo mais em as virtudes, porque os varoens eſpirituaes combatidos com a tempeſtade de achaques ſe entranhaõ mais em a virtude, e corroboraõ em a perſeverança, deu-lhe o achaque de herſipela com inchaçaõ em as pernas,

que

que padeceo pouco mais, ou menos quarenta annos. Sobre iſto lhe acreceo em hum joelho hum tal lobinho caloſo, que em quatro partes lho abriraõ a ferro, e lho curaraõ com penoſa dilaçaõ; porém continuou ſempre o primeiro achaque com muitas dores, e formidavel inchaçaõ, muito mais depois que os humores lhe fizeraõ na direita huma grande, e horroroſa chaga, e taõ copioſa purgaçaõ que lhe era precizo de hora a hora eſtar a mudar, e a enſopar panos daquelle tenás humor. Entre tanto tormento, e dores parecia ſeguir a doutrina do Apoſtolo S. Paulo, de que goſtoſamente ſe havia de gloriar em ſuas enfermidades para que habitaſſe a virtude de Chriſto em ſua alma, porque a virtude ſe purifica em o cryſol dos achaques; aſſim o demoſtrava o noſſo irmaõ amado em a conformidade com a vontade ſoberana, e nos louvores que lhe dava nos ſeus mayores apertos, que ſempre finalizava dizendo *faça-ſe em mim a vontade de Deos.* Das pernas lhe ſobia a malignidade ao ventre; e o ſuffocava, e punha nos ultimos extremos da vida, porém obrigado dos remedios reſtituido ás pernas o mal, ficava com vida para mais padecer o noſſo ditoſo Enfermeiro, atè que por ultimo veyo a concluirlhe os vitaes alentos.

Certo de lhe ſer chegado o fim de ſeu deſterro

ro ſe preparou para a jornada, como ſe em toda a vida o tivera diferentemente feito. Recebeo a Chriſto Sacramentado com actos, e affectos de ſumma devoçaõ, e com os mais Sacramentos fortalecido, abraçado com Chriſto crucificado, imagem que tem indulgencia plenaria para a hora da morte, lhe entregou o eſpirito em o dia 17 do mez de Outubro do anno de 1747 da huma para as duas horas da tarde, contando de idade ſetenta e hum annos, e quarenta e tres de Religioſo, deixandonos com o exemplo em a ſua auzencia huma bem merecida ſaudade a toda a Provincia, que com muita razaõ ſe preza da producçaõ deſte, e outros illuſtres filhos, com os quaes naõ ſó a ſi propria ſe acredita, como tambem ao terreno em que eſtá ſituada, pois contra o do Braſil parece a alguns ſugeitos da Europa, que ſó he apto para produſir eſpinhas; porque ou faltos de noticia, ou levados do máo affecto, naõ ſe lembraõ dos grandes Varoens em ſantidade, que tem illuſtrado eſta grande porçaõ do mundo, como ſe manifeſta no Agiologio Luſitano, e nas Hiſtorias da Sagrada Companhia, e nos meus toſcos eſcritos.

Eſta he em ſumma a noticia das virtudes do Servo de Deos Fr. Fabiano de Chriſto de que me conſta, faltandome a de outras, que cauteloſo occultava. Tambem da meſma forma ocultou as

particulares mercés, que das liberaliſſimas mãos do Senhor recebeu em vida, que piamente creyo foraõ muitas, pois ſey a grande devoçaõ que todos lhe tinhaõ, tanta que com liberalidade era ſoccorrida, e provida a Enfermaria de tudo o neceſſario, como roupas, alfayas de cama, e coſinha, e tudo o mais ainda de Boticas, que todos os annos lhe hia de Lisboa, ſem deſpeza da Communidade, e poucos dias antes de cahir em cama da enfermidade de que falleceu, fez a receita do que os ſeus devotos, e bemfeitores haviaõ de mandar hir na frota deſte anno de 1748. Mandado pela obediencia a pedir na Cidade eſmola para alguma precizaõ de obras, e outra couſa de conſideravel deſpeza, valia mais huma ſahida ſua, que a de outros Religioſos ainda de graduaçaõ mayor em muitas. Que tanta devoçaõ ſe eſtribaſſe meramente por ſe atender á ſua virtude, naõ ha razaõ para ſe contrariar; porém algum fundamento havia mais de que Deos por ſua interceſſaõ lhes concedia alguns beneficios. Era eſte Religioſo de natural ſincero, e ſimples, e ſem embargo diſto era conſultado de huns para o acerto das couſas de mayor cuidado, e dos enfermos ſolicitado para que os viſitaſſe atendendo-o como oraculo do Ceo, e o moſtraraõ os dous caſos ſeguintes.

Poucos dias antes de ſeu falecimento achan-

doſ-

doſe de aſſiſtencia no meſmo Convento o M. R. P. Doutor Fr. Bernardo de Vaſconcellos da Sagrada Ordem de Noſſa Senhora do Monte do Carmo pertendendo paſſar na Frota a Portugal, e havendo por certos reſpeitos determinado fazer ſeu tranſito em huma embarcaçaõ, que hia para ás noſſas Ilhas dos Açores, e deſtas tranſportarſe a eſte Reino, indeciſo do acerto procurou conſultar com o ſimples leigo; propozlhe o negocio, o riſco que tinha em vir em direitura a Lisboa, a juſta cauſa da viagem que pertendia fazer, e a brevidade poſſivel de que neceſſitava. Sem demora lhe reſpondeu logo Fr. Fabiano: *Vá na Náo de guerra, e vá ſeguro de que lhe naõ hade ſucceder mal algum.* Naõ foy neceſſario áquelle douto Padre mais diſcurſos, tal era a opiniaõ que ſe tinha das ſuas reſoluçoens; poz em execuçaõ o inſinuado, e experimentou cabalmente tudo o vaticinado chegando na dita Capitania da Frota a Lisboa donde ſem o minimo obſtaculo dezembarcou confeſſando dever aos meritos do ſeu conſelheiro o acerto, e bom ſuceſſo de ſua Jornada; e neſta tinha taõ fixas eſperanças de aſſim lhe ſucceder, que ſe no diſcurſo da viagem havia algum dos contratempos, com que o mar convida aos que o ſulcaõ, naõ o deſcorſoavaõ tendo niſto por companheiros a muitas peſſoas da Náo a quem ha-

via communicado o pronoſtico que havia feito o Servo de Deos. Achando-ſe na Cidade do Rio de Janeiro o Governador Gomes Freire de Andrada de huma maligna taõ perigoſamente enfermo, que na ponderaçaõ dos medicos era mortal; aſſim o afirmavaõ os meſmos; neſte aperto, e neſta afliçaõ mandou chamar o noſſo Fr. Fabiano, como dizem huns, ou os Prelados o enviaraõ a que o foſſe viſitar, como manifeſtaõ outros; no que eu naõ tenho duvida he, que ſempre a obediencia a palacio o fez hir, pois ſua humildade ſempre refutava eſtas funçoens. Com detrimento foy por cauſa de ſeu achaque que dalli a poucos mezes o ſeparou da vida. Viſitou ao General, e depois de poucas palavras, lhe diſſe, *que eſtiveſſe ſeguro que daquella enfermidade preſente naõ havia de morrer: e cobraria a deſejada ſaude poſto, que ficaria com algum reſquicio de moleſtia, que depois a natureza ſupriria, e aſſim, que daquella naõ morria.* Com tal firmeza iſto lhe aſſeverou, que ſem embargo do conceito dos medicos, ſe creo o que diſſe Fr. Fabiano. Melhorou o Governador, e ficou com algum desfalecimento no peito, que minorado ainda exiſtia, quando viſitando-o o M. R. P. Matheus Lourenço de Carvalho Arcediago da Cathedral de S. Paulo lhe contou o meſmo General o que acabamos de referir.

Deſte

Deste Apostolico Varaõ podemos entender ser hum dos filhos do nosso Serafico Padre S. Francisco de quem o grande Apostolo de Valença Saõ Vicente Ferreira disse, podia na sua morte ser canonizado, por Martyr. Martyres chama o Doutor Navarro aos que guardaõ a nossa sagrada Regra por estas palavras. *Venero aquella altissima Regra de S. Francisco pois reputo aos que segundo a mente de seu Autor a observaõ por incruentos Martyres.* O Melifluo S. Bernardo, dizia: Naõ tem o martyrio da Religiaõ em apparencia, tanto horror, como o das rodas de Navalhas, e fogo; porem em quanto á duraçaõ, he mais molesto, e penoso. O martyrio se acaba com o golpe do alfange; porem em a Religiaõ sempre em cada dia dura o martyrio da mortificaçaõ, pelo que se pelo martyrio se perdoa toda a pena devida aos peccados, o mesmo privilegio tem a obra perfeita da profissaõ, em que se obriga hum a ser martyr continuamente, e deste mesmo sentir por palavras equivalentes he S. Athanazio ainda que com mais vivas ponderaçoens *D. Uinc. de S. P. N. Francisc. D. Bern. serm. 30 sup. Cant. D. Athan. ap. Silv. Locor. Fr. Lud. Gra. fol. 131 ʒ. Martires.* E sendo o N. Irmaõ Fr. Fabiano taõ perfeito na pura observancia desta Apostolica Regra, taõ penitente, taõ penalizado de dores, e achaque taõ dilatado,

do, que tolerou com invicta paciencia até lhe acabar a vida, parece que segundo estes Authores he digno de todo o elogio.

Com muitos foy aplaudido o seu nome depois de haver falecido, que a vozes todas sonoras, e concordes publicavaõ os moradores da Cidade de Saõ Sebastiaõ do Rio de Janeiro, vendo que o Ceo com sobrenaturaes demonstraçoens, e prodigios confirmava na morte a opiniaõ que em vida tiveraõ deste Servo de Deos. Havendo espirado, se admirou em seu cadaver que a Imagem do Santo Crucifixo, prenda, que deu á Enfermaria o P. Fr. Fernando de Santo Antonio, filho da mesma Provincia, ex Deffinidor Geral da Ordem; com a qual morreo abraçado, a naõ largava da maõ, estando esta com notavel flexibilidade. Flexivel se reconheceo seu cadaver em trinta, e tantas horas, desde a em que falleceo até que ultimamente o clauzularaõ na sepultura em que descança seu corpo; era aflexibilidade tal em todos seus membros, que se o assentavaõ assim ficava, se lhe apertavaõ os dedos, davaõ estalos, e se lhe abriaõ os olhos, que perseveraraõ claros, sem nevoa alguma, os hia cerrando muy devagar. Da Enfermaria foy conduzido pela Communidade para o Capitulo do Desterro, huma das duas Capellas que ha no Claustro deste Convento. Neste Capi-

pitulo no qual taõ repetidas vezes tinha logrado ſua humildade,humas açoutes, outras reprehẽſoens, quando como fica dito, hia a dizer a culpa aos pés dos Prelados; no meſmo quiz o verdadeiro remunerador dos humildes, lograſſe eſte em ſeu Cadaver as primeiras honras proſtrandoſe-lhe aos pés, e beijandolhos ſeus Prelados, e Irmãos Religioſos, o Governador Gomes Freyre, e peſſoas de diſtinçaõ. Sendo nove horas da noite deceu ao Capitulo o M. R. P. Provincial Fr. Antonio da Conceiçaõ, ex Leitor da Sagrada Theologia, a viſitar o defunto corpo deſte ſeu ditozo ſubdito, e importunado de outros, permitio o ſangraſſem, nas coſtas da maõ direita, e feita a ciſura, a eſte exame ſe ſeguiraõ outros, que ſe concluiraõ dando graças a Deos, e veneraçoens a ſeu ſervo, beijando-lhe os pés o Prelado; levando-lhe por prenda as bragas, que tinha veſtidas, e do habito alguas particulas, prevençaõ, que depois lhe foy muy util, e neceſſaria.

Divulgou-ſe pela Cidade a noticia da morte de Fr. Fabiano, porém ja tarde tal vez, que por induſtria dos Religioſos receoſos do trabalho, que experimentaraõ no dia ſeguinte, e o ſepultariaõ a portas fechadas, ſe naõ tiveraõ antecedente ordem do Governador Gomes Freire de Andrada, de que ſe queria achar ás ſuas Exequias, e enterro.

terro. A's onze horas da meſma noite veyo ao Convento o Tenente General da artelharia Jozé Fernandes Pinto Alpoim, que pela grande devoçaõ, que tinha ao Servo de Deos vendo, que o Senhor lho tirara da viſta, quiz ficar ao menos com hum retrato do ſeu amado leigo, para o que levou em ſua companhia hum pintor, que o retratou morto, com todo o esforço da arte. Deſta prenda pelo muito, que a eſtima, quiz ſua devoçaõ communicar da meſma huma copia formada de lapis vermelho; ao M. R. P. D. Jozè Barboſa Clerigo Regular da Divina Providencia neſta Corte, que com ſua coſtumada benignidade em favorecerme, naõ ſó ma manifeſtou, porem da meſma me fez poſſuidor, reconhecendome diſto o dezejo. Deſte era incentivo o amor com que ſempre me tratou eſte Religioſo em quanto com elle morey no dito Convento, que continuou até o ſeu fim eſcrevendome em todas as Frotas deſde que reſido no Hoſpicio de N. S. da Conceiçaõ, que a Provincia tem neſta Corte, e aſſim naõ era injuſto o meu dezejo de lograr o Retrato deſte Irmaõ credito da Religiaõ, e da Provincia noſſa Mãy, da naçaõ, e veneravel amigo. As quatro horas da madrugada do dia ſeguinte fez a curioſidade de alguns Religioſos, que de nouo o ſangraſſem no braço direito, e correo (poſto que naõ expedito) ſufficiente, e rubicundo ſangue. A's

A quarta feira, que ſe contavaõ dezouto do mez de Outubro, ſegundo dia depois do tranſito do noſſo Irmaõ Fr. Fabiano, ao amanhecer, principiou a clamoroſa voz do devoto povo do Rio de Janeiro a pronunciar: *Vamos ver o Santo, que morreo em Santo Antonio: vamos ver o Servo de Deos Fr. Fabiano*, diziaõ outros; qual referindo virtudes, qual favores de ſua charidade, e todos, queremos ver, e beijar ſeus pés, e que nos dem reliquias ſuas. Eſta foy a continuada voz em todo eſte dia, ſendo logo pela manhã tanto o povo nas portas do Convento, que receoſos os Religioſos de que lhe arrombaſſem as da Igreja, lhas abriraõ, e puzeraõ reſguardo nas grades do Cruzeiro, para que as naõ maltrataſſem, demorando os Religioſos aſſiſtentes o impeto do concurſo, com as eſperanças de que brevemente lhe patenteariaõ o corpo na Igreja. Para eſte effeito formou o P. Fr. Balthazar do Naſcimento Sancriſtaõ do Convento dentro do Cruzeiro, huma aſſeada, e mais levantada Eça para que naõ ſerviſſem de obſtaculo ao povo as grades do dito Cruzeiro; aſſim ſe entreteve, e divertio algum eſpaço atè chegar o Governador.

Pouco antes das outo horas da menhã chegou o dito com toda a Comitiva de militares de mayor graduaçaõ, e com eſta o M. R. P. Ma-

noel de Andrada Goes, Presbitero, e Antonio Antunes de Menezes Doutores em Medicina. Aberta a Portaria athe ali fechada, entrou o Governador, e os mais, encaminhouſe a o Capitulo; entraraõ os dous Doutores a examinar com exaçaõ a flexebilidade do cadaver, regiſtraraõ a chaga da cintura mais notavel, que lhe originou o cilicio; a horroroſa em vida na perna direita, que quando animada brotava humor fetido, agora ſe via aprazivel, e muy encarnada, vertendo ſangue liquido, e cheiroſo, como balſamo odorifero, a que da meſma forma conreſpondiaõ a da cintura, e cizuras das ſangrias, cujas circunſtancias reconhecidas deſtes eximios Doutores as conteſtaraõ como ſobrenaturaes, ſendo o R. P. Andrada o primeiro, que na chaga da perna tocou as ſuas contas. Beijoulhe o pé com ſumma devoçaõ o Governador, a quem tocou hum capelo, e bragas do Servo de Deos, e neſta obſequioſa acçaõ o imitaraõ os mais de ſua comitiva, e outras peſſoas, que o poderaõ conſeguir.

Do Capitulo ſe tirou o corpo acompanhado da Veneravel Ordem Terceira, que aſſiſtio a todos os actos deſte dia; da Comunidade, e todo o bom que entrou pela Portaria, porem eſtava taõ preocupado o Clauſtro de gente, que naõ ſe pode levar por elle à Igreja, e ſahiraõ pela Portaria, aquella

mais

mais parecida procissaõ, que acompanhamento de hum corpo defunto; com muita difficuldade se entrou pela porta da Igreja, e colocou em a Eça. Principiou-se o Officio de corpo presente, que mal se percebiaõ as vozes dos cantores com as do povo; e na sua continuaçaõ chegou aviso do Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor D. Fr. Antonio do Desterro Bispo daquella Cidade insinuado ao nosso Prelado demorasse para a tarde a funçaõ do enterro, a que se acharia pelo naõ poder fazer de manhã, impedido de suas obrigaçoens. Acabou-se ao meyo dia o Officio, e continuou Deos a mostrarse mais maravilhoso em seu Servo pois se observou, que aquelle cadaver, com estas honras, e concurso do povo mais se ostentava admiravel, e he o caso.

Dito o ultimo *Requiescat in pace* do Officio, seu rosto, que em vida era macilento, e palido, ficou resplandecente, formando-selhe em cada huma das faces huma rosa, de cuja rubicunda cor tambem participaraõ seus labios, e de forma transformou-se o rosto, que naõ parecia o de Fr. Fabiano, quando vivo. Demorou-se o enterro para de tarde; retirou-se a Palacio o Governador, e augmentou-se a gente de tal forma, que postos soldados nas portas, e Religiosos em guarda do corpo ministrando a devoçaõ contas, medalhas, e enxugando

em lenços o ſangue da chaga da perna, naõ havia quem ſe pudeſſe dar a conſelho. Tal foy o concurſo do povo em todo o dia, que a Cidade parecia eſtar no da mayor, e mais plauſivel feſta, affirmando-ſeme, que ao da mayor ſolemnidade neſta Cidade com eſte naõ podia competir; porque além dos ſeus moradores acreſcia a gente da Frota, e que deſde o Cruzeiro da ladeira do Convento, que he no comprimento enfadonha, e em largura baſtante, parecia huma pinha, conſtando de todo o ſexo de peſſoas, e de todos os eſtados, ainda que naõ todos poderaõ entrar na Igreja de que houve muitos queixoſos, motejandonos de que pelo gaſto de alguns habitos, e izentarmonos daquelle glorioſo trabalho, o naõ conſerváraõ mais dias inſepulto, com que certamente, diziaõ ſentidos, nos privaraõ os Padres de termos a conſolaçaõ de o ter, e ſe privaraõ de outras novas maravilhas com que a Mageſtade Divina mais, e mais acreditaria a bondade do ſeu Servo.

Por entre eſte tumulto de povo, romperaõ os dous Excellentiſſimo Biſpo, e o Governador, e chegáraõ ao Convento as tres horas da tarde, havendo vindo de ſeus Palacios, e pouco antes hum de outro. Introduzido na Capela mór o Excellentiſſimo Biſpo, e feita oraçaõ ao Sacramento, chegou para o cadaver; e publica-

mente

mente mandou fazer o exame da flexibilidade, vio o rubicundo, e aprasivel rosto, a chaga da perna mui vermelha, e vertendo sangue perfeito, reconhecendo por verdadeiro o que a comum voz publicava maravilhas de Deos em seu Servo; naõ pode seu religioso animo conter a devoçaõ; mandou, que do habito tirada huma porçaõ, e tocada naquella chaga da perna lha dessem o que executaraõ, e a recebeo com estimaçaõ.

Sendo quatro para cinco horas da tarde, vendose o excesso do povo, e que naõ contente com as prendas innumeraveis, que recebiaõ tocadas no corpo, e na chaga, as particulas do habito em que se haviaõ consumido tres, além de cordas, capelos, bragas, lhe haviaõ cortado, e arrancado os cabellos da cabeça, e cortado tambem hum dedo do pé; e assim antes que passasse a mais se determinou com o parecer de sua Excellencia, que se achava prezente, se levasse o Corpo á sepultura; para isto se poder effeituar, se propoz ao povo se retirava á Sacristia e a vestirem outro habito ao cadaver por se achar quasi descomposto; pegaraõ no esquife o Governador, e Thenente General da artilharia, e seis Religiosos de mayor authoridade, e entrando na Sacristia com o corpo lhe puzeraõ outro habito, e sahindo á Via Sacra se encaminharaõ

ao

ao Claustro donde estava a Sepultura. Neste limitado transito foy tal o tropel de gente, que sem atençaõ, se aproveitavaõ das reliquias do habito, e o Governador proferio com o apertaõ do povo *hoje façaõ de mim o que qnizerem* naõ atendendo neste dia mais do que em honrar com obsequios ao servo de Deos, a quem se reconhecia obrigado, e de novo queria obrigar a sua intercessaõ.

Chegando á sepultura com o cadaver, que tambem acompanhava o Senhor Bispo, personages, e as Communidades de nossos Religiosos, e Terceira Ordem, e toda a mais gente, que pode, e coube no Claustro, e atendendose a que a multidaõ do povo, com a demora, naõ intentasse alguma dezordem, e mayor disturbio; sem se dizer o Officio da sepultura, lançaraõ nella ao corpo, e cobrindo-o com suas campas se lhe fez entaõ o tal officio, que concluido se despediraõ dos Religiosos o Excellentissimo Bispo, e Governador, e os de suas comitivas; porém naõ o povo, porque já praticos no uzo do enterro de nossos Religiosos deste Convento, e viaõ, que a cal, que se havia de deitar sobre o corpo ali existia de fóra, e se naõ haviaõ unido as juntas, julgavaõ haverse ainda de manifestar o corpo; com esta espectativa perseverou o concurso da gente até a noute

noute, em que ſe foraõ dezenganados, e perſuadidos dos Religioſos por cauſa de quererem fechar as portas, ſe foraõ para ſuas caſas, deixando a varios Padres Roſarios, lenços, e outras peças para que ſe tocaſſem no corpo, ſe houveſſe para iſſo ocaſiaõ.

As outo horas da noute determinou o P. Fr. Jozè dos Anjos ex Leytor da Sagrada Theologia, e Guardiaõ do Convento, de que ſe fizeſſe ao corpo o meſmo, que ao de outro qualquer Religioſo, e vindo para iſto á ſepultura (que neſte Convento ſaõ, como Carneiros, em que acomodados os corpos defuntos, ſó ſe lança em ſima cal, e vinagre, e depois pondoſe as campas ſe ligaõ de cal) e os Religioſos, que lhe pareceo para a tal funçaõ. Para a meſma concorreo ao Clauſtro a mayor parte daquella grande Communidade querendo todos acharſe preſentes à ultima deſpedida de quem tanto os amara, e deſvellára em ſervilos; porem o Prelado, naõ ignorando o juſto motivo do ajuntamento religioſo o mandou ſair do Clauſtro. Retirados os Religioſos, que ſubiraõ ao peitoril, que cahe ſobre o proprio Clauſtro, mandou abrir a ſepultura, e ao tirarſe a primeira campa, ó benigniſſimo Deos que tanto honrais ainda neſte mundo aos que fielmente vos ſervem! Sahio daquelle pequeno ſepulcro tanta fragrancia

gancia, que o P. Guardiaõ poſto de joelhos, exclamou; dizendo para os ſubditos: *Padres louvemos a Deos em ſeu ſervo ao qual com a nova maravilha exalta.* Teve por repoſta, o deſejo, que lhe ſignificaraõ os ſubditos de chegarem á ſepultura: ordenoulhes, que vieſſem, e foraõ todos participantes do odorifero cheiro, que exalava o cadaver, cuja qualidade naõ poderaõ conhecer, por mais que alguns Religioſos applicaraõ o olfato á ſepultura; tiraraõ do corpo o habito deſtroçado, que o cobria para ſe dar a hum devoto de reſpeito que com muita inſtancia o pedia: era tal o ſuave cheiro que expelia o corpo, diz em ſua relaçaõ o Padre Fr. Manoel de S. Roque ja citado, *que me naõ ſatisfazia de chegar ao habito tirado, e humido aos narizes por conſolaçaõ, e edificaçaõ minha.* O P. Fr. Domingos do Roſario, em a ſua de 19 do dito mez affirma, que aquella ſingular fragrancia, ainda quando os Religioſos hiaõ para o Coro a matinas, e ao ſahir delle ſe conhecia com admiraçaõ.

Compuzeraõ o corpo veſtindolhe de novo bragas, e habito: ſendo eſte o quinto, e os quatro emprego da devoçaõ, e neſta mudança de roupa ſe regiſtraraõ, e conheceraõ todas as circunſtancias ſobrenaturaes, qne já ficaõ expreſſadas. Neſta diligencia, e na de tocar as prendas, que hauia deixado ao povo, e tocarem tambem os Religioſos

cordas,

cordas, contas, e outras coufas de feu ufo, e com panos enxugarem o fangue da chaga da perna, que a do cilicio por eftar em parte mais occulta fe naõ aproveitava, porém manou de forma, que contefta em fua relaçaõ o P. Fr. Jozé da Conceiçaõ Gonzaga, que naõ fó molhava o habito na parte, que lhe correfpondia, porem, que até o pano do efquife enfopara. Nefta diligencia como a cima digo, fe gaftou até perto das dez horas da noite, e lançando-fe cal, e vinagre fobre o corpo, fe ligaraõ as campas, e retiraraõ os Religiofos, todos ainda, que fatisfeitos, fentidos, e faudofos do apartamento, e muitos exprefando feu affecto ao fervo de Deos por quem choravaõ. Ditofa vida, ditofo Religiofo, que na morte fe fez acredor de applaufos de feus proprios domefticos Irmãos, de hum povo compofto de nobres, doutos, e plebe; empregando-fe todos em feus elogios, e tendo-o por bemaventurado, e aqui vem a propofito a refpeito defte univerfal conceito, o que fuccedeo nefta mefma noite na dita Cidade! Tendo acabado os Pretos de rezar, ou cantar o terço defronte do Oratorio fito no canto da Igreja de Saõ Pedro: o que fazia as vezes, como de Hebdomedario entre outros Padre noffos, e Ave Marias, que pedia por varias tençoens, diffe, rezemos hum Padre noffo, e Ave Maria por alma daquelle fervo

de Deos, que morreo em Santo Antonio; a isto reclamaraõ os mais, impugnando o comprimento, e deraõ por desnecessario o suffragio, e responderaõ: *pedi por outra tençaõ, que o Santo está no Ceo, e naõ lhe saõ necessarias nossas oraçoens.* Assim o refere o M. R. P. Matheus Lourenço de Carvalho, pelo assim presenciar estando á janella das cazas em que residia naquella Cidade.

Esta foy em todo o dia dezoito do mez de Outubro do anno passado a clamorosa voz, que os moradores desta Cidade do Rio de Janeiro pronunciaraõ na saudosa despedida do seu, e nosso Veneravel Fr. Fabiano de Christo, a qual sem ponderaçoens, e com nosso tosco estylo temos narrado para melhor conhecimento do Sonoro Ecco, que chegou a esta Corte, e Cidade de Lisboa. Porem como a maõ de Deos naõ he abbreviada em despender beneficios ás suas criaturas, tenho de demorarme mais nesta narrativa expondo algumas das mercês, que confessaõ os favorecidos seremlhe conferidas pelos meritos de nosso Fr. Fabiano, depois do seu transito.

No dia seguinte 19 do mesmo mez sobredito vieraõ ainda ao nosso Convento muitas pessoas entendendo gozariaõ ver o cadaver do Servo de Deos, outros a solicitar alguma porçaõ de habito, ou qualquer outra cousa, que lhe disseste respei-

reſpeito; e algumas a exporem as maravilhas de que ſe achavaõ obrigadas; entre eſtas veyo à noſſa Igreja Thereza de Jeſus viuva moradora na rua de Noſſa Senhora da Ajuda, bem conhecida na meſma Cidade, e por ella foy dito que vinha a render a Deos as graças, pelo ſingular beneficio, que lhe havia feito pela interceſſaõ de ſeu Servo Fr. Fabiano de Chriſto. Aquem hum dia antes que foy o da ſepultura, havia invocado em ſeu favor para alcançar de Deos ſaude, pois padecia hum fluxo de ſangue taõ continuo que de todo lhe poſtrava as forças naturaes pondo em grande riſco ſua vida, ſem que em dous mezes de moleſtia podeſſe encontrar na humana medicina remedio efficaz de ſeu achaque; do qual tanto, que ao Servo de Deos ſe encomendou, ficou repentinamente livre, ſãa, e vigoroſa nas forças, de ſorte, que já paſſavaõ de vinte, e quatro horas ſem ſentir veſtigio algum da ſobredita moleſtia, Foraõ deſta publica confiſſaõ varias teſtemunhas, aſſim de ſeculares, como de Religioſos, entre os quaes eſtavaõ o P. Meſtre Fr. Jozé dos Anjos Guardiaõ do Convento, o Padre Meſtre Frey Franciſco das Chagas ex Provincial da Provincia, e o P. Meſtre Fr. Joaõ da Conceiçaõ Cuſtodio actual, que aſſim o depoem em ſua Relaçaõ.

Joaõ Jorge de Officio ſurrador, e morador

da meſma Cidade, confeſſou tambem publicamente que tendo hum menino, que por naõ tomar o peito á Mãy havia vinte, e quatro horas, nem admitir outra ſorte alguma de alimento, ſe deſconfiava de ſua vida, e que levandoſe do Servo de Deos quando eſtava na Igreja huma roſa tirada das que tinha no capello, lavandoſe em agua a deraõ á criança, e logo ſuceſivamente recebeo o peito, e ſe vio livre do perigo. Havendo perdido hum homem certo credito de baſtante dinheiro, e depois de feitas exquiſitas diligencias jà ſem eſperanças de o achar, implorando a Deos pelos merecimentos deſte ſeu ſervo, logo apareceu o credito.

De outros muitos cazos havia pela Cidade noticia de que a Religiaõ pertendia fazer as dividas averiguaçoens, pois com a partida da Frota naõ ſe podia fazer. Neſta vinha por Capellaõ da Nào Noſſa Senhora da Candelaria o M. R. P. Euzebio Franciſco Charidade, que poſto foy hum dos que ficaraõ ſentidos, por naõ poder entrar no Convento, e ver o defunto corpo, com tudo conſeguio do ſeu habito ſuficiente porçaõ, que na viagem importunado dos paſſageiros, e nauticos lha diſtribuhio em muy miudas partes de que reſervou a que guarda com eſtimaçaõ de Reliquia. Sahida a Frota do Rio de Janeiro te-

ve

ve ventos taõ oppostos, que sendo já passados mais de quarenta dias ainda naõ havia vencido a altura do Cabo de S. Agostinho, consideravel demora para quem vem para o Reino, temendo com a dilaçaõ a falta de mantimentos, e aguadas; neste ponderado risco de todos conhecido, fariaõ nas mais embarcaçoens da frota suas rogativas a diferentes, de que nos naõ consta. Os navegantes da Nào Candelaria tomaraõ por medianeiro para que a Magestade Divina os favorecesse com melhor vento, ao servo de Deos Fr. Fabiano, prometendo mandarlhe dizer certa quantidade de Missas, se dentro de dias, que detirminaraõ, alcançavaõ o que dezejavaõ. Naõ se passaraõ tres dias, que naõ tivessem o despacho, montando o Cabo de S. Agostinho, e ancorando em Pernambuco. Naõ se mostraraõ desconhecidos do favor, porque ainda o confessaõ, e compriraõ o voto das Missas, que seriaõ dez, ou doze, que disse o mencionado Padre depoente, e outro Sacerdote, que vinha na mesma nào.

De Pernambuco seguio a frota sua derrota para Lisboa, donde entrou toda a salvamento; porém taõ desordenada pela variedade dos tempos, que alguns navios ficaraõ expostos aos perigos do mar, e de Mouros: hum destes foy a sobredita nao, que depois de avistar terra da Roca naõ poden-

dendo ganhar a barra por causa de ventos contrarios, em o discurso de oito dias; nestes accometida de huma horrivel tormenta, em que correo a traquete quarenta, e oito horas, *e lembrandome eu*, disse o mencionado Padre *da merce, que segundo nossa pia se nos alcançou o servo de Deos Fr. Fabiano de Christo, quando naõ podiamos passar o Cabo de S. Agostinho, com a mesma lhe supliquey devotamente nesta terrivel tormenta, nos valesse, e conseguisse bonança, e para chegar à desejada terra todo o patrocinio, prometendolhe dizer huma Missa por sua tençaõ, a qual satisfis; porque na tarde do mesmo dia da suplica principiou a abonançar o ensoberbecido, e furioso elemento do mar, e do vento, dalli a tres dias, que se contavaõ 14 de Março deste anno de 1748 entramos em Lisboa o que tudo juraria se nessario fosse em qualquer tempo.*

Tudo o que neste tratado tenho escrito ceda em honra, e gloria de Deos, e de sua SS. e purissima Mãy, e de N. Serafico P. S. Francisco, e em credito da virtude, que com tantos realces se notou neste ditoso Varaõ, e sirva de exemplar aos que professamos o mesmo Instituto. E tudo quanto nesta obra se refere novamente o sogeito a Nossa Santa Madre Igreja Catholica Romana, a quem sómente toca formar juizo em ordem ás virtudes, e milagres dos Servos de Deos, e assim tudo exponho à sua correcçaõ.

F I M.

C — RLR — 3/29/00
BORBA (1953) I, 196 mentions
a portrait — o/w c.
PORBASE = BNL = THIS COPY (NO MENTION OF PORT.)
1000